

LABORATÓRIO DE GERÊNCIA EM SAÚDE
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Adrielly Ribeiro do Rego

MEDICINA E FILOSOFIA PLATÔNICA:
A ascensão erótica em busca da cura do corpo e da alma através da leitura da obra *O Banquete*

Rio de Janeiro
2011

MEDICINA E FILOSOFIA PLATÔNICA:

A ascensão erótica em busca da cura do corpo e da alma através da leitura da obra *O Banquete*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Gerência em Serviços de Saúde.

Orientador: Felipe Gonçalves Pinto

Rio de Janeiro

2011

Adrielly Ribeiro do Rego

MEDICINA E FILOSOFIA PLATÔNICA:

A ascensão erótica em busca da cura do corpo e da alma através da leitura da obra O Banquete

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Gerência em Serviços de Saúde.

Aprovado em ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Felipe Gonçalves Pinto – EPSJV/FIOCRUZ

Grasiele Nespoli – EPSJV/FIOCRUZ

Alexander de Carvalho – EPSJV/FIOCRUZ

*Dedico esta monografia
aos meus pais, Adriana e Douglas, e
aos meus irmãos, Danielle e Luiz.*

AGRADECIMENTOS

É com grande carinho que agradeço, primeiramente, aos meus pais. Estes que são a razão maior de minha existência e exemplo do amor com que fui criada. Acredito que Adriana e Douglas, em conjunto, são os que mais devo agradecer, por me aguentarem, se estressarem comigo, darem apoio nos momentos mais críticos e por festejarem comigo nos meus melhores momentos. Minha família é um ponto forte na minha formação – em todos os sentidos.

Agora quero agradecer aos meus amigos. Vocês mudam meus rumos sem que eles deixem de ser *meus* rumos. Com vocês compartilho minhas feridas, alegrias, conflitos... Quero agradecer especialmente a minha amiga Cyntia, esta que desde sempre ficou ao meu lado, aturando minhas insanidades intelectuais.

Quero agradecer de todo o coração ao meu orientador Felipe, que me fez crescer bastante, tendo uma influência extremamente positiva em minha vida (na minha escrita...), no meu senso crítico, na minha sensibilidade de ver o mundo. Obrigada por me ajudar a abraçar essa monografia com toda boa vontade, obrigada por me ajudar e por me ouvir. Com toda a lisura deste discurso, foi muito gratificante fazer este trabalho com ele. Um muito obrigada.

E, por fim, e não menos importante, quero agradecer à Escola Politécnica, que me deu esta grande oportunidade de fazer um trabalho tão importante no princípio de minha vida acadêmica. Obrigada por me permitir conhecer professores tão habilitados não só a lecionar, mas também a levar suas aulas como filosofia de vida. Obrigada por me mostrar o outro lado do mundo, o lado da politecnia, do senso crítico, do conhecimento. Muito obrigada.

*“O amor é o sentimento dos seres imperfeitos,
posto que a função do amor é levar o ser
humano à perfeição. Como são sábios aqueles
que se entregam às loucuras do amor!”*

(Joshua Cooke)

RESUMO

Aborda a condição de relação e contradição entre a medicina hipocrática e a filosofia platônica, encontrada na leitura da obra platônica *O Banquete*, de forma que, primeiramente há um embasamento histórico e filosófico da saúde, supondo um entendimento da origem desse conceito, que nos leva à Antiguidade Clássica, com o médico Hipócrates, quando o olhar encontrava-se focado no ser humano e não na patologia, em que o cuidado se dava de forma integral: corpo, alma, natureza e sociedade compreendidos como partes indissociáveis de um todo. O processo proposto por Hipócrates para o cuidado baseava-se no conhecimento da natureza humana e na diferença individual. O conhecimento do geral (elementos da natureza, da região, da organização social, dos hábitos) permitiria o conhecimento da parte e suas relações com o todo, buscando, a partir desse conhecimento, o equilíbrio necessário a cada indivíduo e, conseqüentemente, encontrando o equilíbrio total, ou seja, a saúde plena do homem. Por segundo, se consideram as falas das personagens Erixímaco e Sócrates, e, finalmente, a oposição entre filosofia e medicina se torna mais clara quando se toca na Teoria das Ideias de Platão e então se entende que para se chegar a cura do corpo, primeiramente deve se ter a cura da alma, esta que é a força motriz do corpo, que está submetido diretamente a alma, podendo então entender que a filosofia está acima da medicina.

Palavras-Chave: Medicina. Filosofia Platônica. Alma.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MEDICINA E FILOSOFIA.....	11
3 DOS DISCURSOS PRESENTES NO <i>BANQUETE</i>.....	16
4 A TEORIA PLATÔNICA DAS IDEIAS E A ASCESE ERÓTICA DO <i>BANQUETE</i>.....	22
5 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
BIBLIOGRAFIA.....	33

1 INTRODUÇÃO

As questões levantadas ou geradas pelos constantes avanços e especializações da ciência, pelo resultado de uma medicina cujo foco é a doença ao invés do humano, tornaram necessária a reflexão acerca do cuidado com o humano.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua saúde como “*“não simplesmente ausência de doença ou enfermidade’, mas como ‘um estado de completo bem-estar físico, mental e social’*” (OMS, 2001, p. 17), resgatando, em certo sentido, a concepção de saúde integral da Antigüidade Clássica.

Diante das novas maneiras de viver e cuidar da humanidade, decorrentes dos avanços tecnológicos, as situações que envolvem a vida humana e do planeta tornaram necessárias novas abordagens. A bioética, estudando os dilemas relativos à vida, retoma a ética tradicional. Diversa da deontologia médica tradicional hipocrática, que pautava suas ações em limites e proibições, e mais próxima à ética clássica e sua noção de justa medida, a bioética propõe-se a refletir sobre as questões da vida. Resgatando a visão organicista do humano, que considera o todo, incluindo mente, corpo, natureza e sociedade, a bioética preocupa-se com o conhecimento das circunstâncias, dos contextos, sendo-lhe impossível estabelecer regras gerais inflexíveis para o encaminhamento de questões, e desejável a busca constante da justa medida, do equilíbrio que permite a manutenção da saúde integral.

Ao retomar a ética, a bioética reaproxima medicina e filosofia, propiciando as reflexões sobre o cuidado com o humano. Cuidado que implica uma compreensão do todo que é esse humano: mente, corpo, natureza e sociedade, e que, portanto, torna necessário o conhecimento das circunstâncias, do ambiente, dos hábitos, da organização social e familiar para atingir e manter o equilíbrio, a saúde.

Na leitura da obra platônica filosófica *O Banquete*, através da conjuntura dos discursos sobre Eros, exclusivamente no raciocínio técnico-médico filosófico de Erixímaco e no discurso de Sócrates, é posta em jogo a relação entre medicina e filosofia na busca pela realização plena do homem, do seu corpo e daquilo que o anima. É sobre o método platônico da ascensão erótica que essa monografia se debruça, procurando então se fazer entender claramente como uma combinação de tons diferentes podem tornar-se harmoniosas no que diz

respeito ao corpo humano e à alma.

Esta monografia organiza-se em capítulos que torna importante rever o surgimento da filosofia em um ambiente de disputa de discursos e saberes, no que toca especialmente a relação entre medicina hipocrática e filosofia platônica, em que através da contextualização da Grécia Antiga dentro dos discursos presentes na obra platônica *O Banquete*, é mostrada a Filosofia surgindo em Atenas no século V a.C. em situações diversas que marcarão profundamente seu caráter, ei-las: as instituições democráticas, o poder proveniente do discurso e a disputa entre os diversos discursos (político, sofístico, poético, militar, médico e, por fim, filosófico) em vistas da orientação da vida e da cidade, sobretudo no que diz respeito à formação dos cidadãos. A forma como se realiza a filosofia, em sua aurora ateniense, a saber, o diálogo – tanto como prática socrática, quanto como gênero literário-filosófico platônico – é uma das marcas mais visíveis dessas circunstâncias.

No segundo capítulo serão apresentadas as teses sobre a essência de Eros nas diferentes falas das personagens, percorrendo um caminho de retomada e exclusão do que é proposto nos discursos, mostrando então a chegada à verdadeira essência de Eros encarada pela apresentação que Sócrates nos concede do diálogo entre ele e a sacerdotisa Diotima de Mantinea, onde se observa a ascensão erótica do ser.

Já no terceiro capítulo, sendo um dos mais importantes, apresento-lhes brevemente a Teoria das Ideias de Platão, onde mostro que o inatismo presente nesta teoria está acoplado a multiplicidade dos homens, fazendo então uma analogia aos discursos presentes no Banquete, onde por fim se chega a verdade pelo discurso socrático. Para mostrar isso, recapitulei a fala socrática e explorei a importância que o filósofo tem na obra platônica. E, por fim, retomo o discurso de Erixímaco, onde relaciono e oponho as teorias técnica-médica hipocráticas com a filosofia, onde esta última se estabelece como superior à primeira, pois se atenta primeiramente à cura da alma para, então, se chegar a cura do corpo.

Bem, o que resta agora, após apresentar o que aqui está proposto, é então conceder nos próximos capítulos desta monografia todo o caminho que foi percorrido durante a leitura de diversas teses sobre medicina, filosofia etc.

2 MEDICINA E FILOSOFIA

Um dos papéis importantes da filosofia, é meditar a respeito das questões cotidianas, do já conhecido, para, a partir de de seu espanto, compreender e redimensionar tais questões. É característica da filosofia a abordagem do todo, a compreensão dos contextos e a reflexão organizada, sistemática, metódica em busca da gênese dos conceitos.

Um levantamento filosófico da saúde supõe um entendimento da origem desse conceito, o que nos transporta à Antiguidade Clássica, com o médico Hipócrates, quando o olhar encontrava-se focado no ser humano e não na patologia, em que o cuidado se dava de forma integral: corpo, alma, natureza e sociedade compreendidos como partes indissociáveis de um todo. O processo proposto por Hipócrates para o cuidado baseava-se no conhecimento da natureza humana e na diferença individual. O conhecimento do geral (elementos da natureza, da região, da organização social, dos hábitos) permitiria o conhecimento da parte e suas relações com o todo, buscando, a partir desse conhecimento, o equilíbrio necessário a cada indivíduo e, conseqüentemente, encontrando o equilíbrio total, ou seja, a saúde plena do homem.

Jaeger, em sua obra *Paidéia*, afirma que seria inconcebível a ciência ética de Sócrates sem o modelo da medicina. Aliás, a própria cultura grega está orientada para a formação do corpo e do espírito. Contudo, afirma também que o surgimento da medicina só foi possível devido à filosofia pré-socrática jônica: pelo conceito de *physis* (natureza), pela investigação do cosmos e pelo sentido de totalidade. Desta forma, o conceito de saúde encontra sua gênese na íntima relação entre filosofia e medicina, na influência mútua entre ambas desde suas origens.

O conhecimento mítico, fabuloso, predominava épocas anteriores ao nascimento da filosofia. Ele justificava as questões humanas na vontade e na mediação direta dos deuses, em que estes últimos explicavam o mundo, a humanidade, sua complexidade. A cura da saúde funcionava através de rituais, magias, repondo ao equilíbrio natural dos homens à natureza a necessária ligação com os deuses: origem e razão de tudo o que é. As atividades dos “médicos” nesse cenário eram fundamentadas em práticas cujas origens remetem a tempos

imemoriais, em rituais.

A postura tomada pela filosofia pré-socrática de observação da natureza, da realidade, e de pesquisar esclarecimento justificados nas relações causais para os fenômenos da natureza, criando, então, teorias que fossem racionalmente explicadas e aceitas, favoreceu o surgimento dessa mesma atitude na medicina grega clássica, certificando-lhe uma índole empírica, de observação da natureza e da realidade do doente. Essa índole, caráter, deu acesso a uma compreensão organicista da saúde, que abrange o todo e a conexão necessária entre as partes: corpo, mente, sociedade, natureza. A saúde consiste nas relações equilibradas entre as partes que constituem o todo. Assim, uma natureza desequilibrada ou uma sociedade doente pode gerar “desequilíbrios” ou “doenças” no ser humano, tanto quanto um desequilíbrio em uma parte do corpo pode trazer prejuízos ao todo do corpo. Como se as partes formassem cadeias de relações, onde se um não estiver de acordo com o equilíbrio do todo, o todo irá sofrer devido a esse desequilíbrio, primeiramente pontual.

Dessa forma, as doenças não eram consideradas isoladamente e como um problema especial. O doente, a natureza que o cerca, as leis universais que regem essa natureza, são o alicerce da atenção de Hipócrates. Jaeger ressalta que é na educação médica que Platão viu o ideal da terapêutica científica, pois é um esclarecimento profundo do doente.

Também é preciso evidenciar que a medicina antiga teve uma inclinação empirista e tentava executar uma observação rigorosa de cada caso. Ao proceder desse modo, encontrava-se na tensão entre a generalização – o universal – e a adequação a cada caso particular, a medida harmoniosa para cada caso. O problema, então, não habitava no homem em si, em sua essência, mas no que ele é em relação ao que come, ao que bebe, à sua maneira de viver. Desse entendimento vai originar-se a concepção filosófica de justa medida, presente tanto em Platão como em Aristóteles.

Vemos, portanto que é preciso conhecer a virtude dos exercícios tanto naturais como forçados, quais contribuem para o aumento das carnes, quais para a sua atenuação; e não somente isso, mais ainda a proporção dos exercícios em relação à quantidade de alimentos, à natureza do indivíduo, à idade, às estações, à mudança dos ventos, à situação dos lugares onde ele vive e à organização do ano. Observaremos o levante e o poente das constelações a fim de prevenir-nos contra as mutações e as condições excessivas dos alimentos, das bebidas, dos ventos e do mundo inteiro, circunstâncias que provocam doenças. Mesmo conhecendo tudo isso, a descoberta não está completa: se, de fato, for possível achar, além disso, para cada natureza individual, uma medida de alimentos e uma proporção de exercícios sem excesso, nem para mais nem para menos, teremos um meio exato de manter a saúde. (Hipócrates, 2002, p. 32-33)

Por não tratar apenas da natureza humana em geral, a medicina antiga dará atenção íntima para o registro de casos sensíveis, sua exposição e categorização em tipos. Portanto,

mesmo que tenha recebido a influência da filosofia pré-socrática quanto ao caráter investigativo, afasta-se também dela por abdicar à necessidade de um princípio harmônico ao qual se pudessem reduzir todos os fenômenos concretos- como era a busca da *arkhé*¹ dos pré-socráticos.

Assim, podemos dizer que em suas origens medicina e filosofia nutrem intenso diálogo, em que a disputa pelo conhecimento da natureza humana e a regulação das práticas não mais é importante que as influências de um lado a outro. Trataremos disto nos próximos capítulos, mas antecipemos o fato de que, nos diálogos platônicos, encontramos, em inúmeras ocasiões, aproximações e distanciamentos entre medicina e filosofia.

Na totalidade da medicina antiga, o médico era o que conhecia o enfermo baseando-se em seu conhecimento acerca do contrário: o homem sadio. Por isso sabia os meios para restituir o doente ao seu estado são. Igualmente o filósofo era chamado a fazer outro tanto pela alma do homem e por sua saúde. Ambos, médico e filósofo, retiravam ensinamentos do conhecimento da natureza: o médico, da natureza do corpo; o filósofo, da natureza da alma. A finalidade de seus labores era descobrir, na estrutura do corpo e da alma, o princípio ontológico e, conseqüentemente, normativo para suas condutas. A tarefa da medicina consistia em encontrar a norma para o cuidado do corpo, e a tarefa da filosofia era, sobretudo, o cuidado da alma, considerada pela filosofia clássica grega princípio do movimento dos viventes.

Nas falas de Sócrates, como podemos ver no diálogo *Fédon*, encontra-se claramente expressa a preocupação pelo *cuidado da alma*. No dualismo presente no pensamento platônico, a alma constitui o guia do corpo e a parte a ser cultivada. Já o corpo também pode ser compreendido como o que atrapalha a alma na atividade de conhecer, sendo fonte de vícios e paixões e, em última instância, o cárcere da alma. Nessa antropologia, caberia a todo homem usar de suas faculdades racionais, o que significa cultivar sua alma, para atingir a *arete*² (virtude, porém, não se pode entender apenas no sentido cristão de humildade, bondade, amor).

Na ética socrática, a *arete* passa a indicar as virtudes da alma que deveriam ser

¹ Para os filósofos pré-socráticos, a *arkhé* (origem) seria um princípio que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas; no início, no desenvolvimento e no fim de tudo. Princípio pelo qual tudo vem a ser.

² Virtude no sentido de excelência, ligada à noção de cumprimento do propósito ou da função a que algo se destina.

cultivadas, sendo uma das principais a temperança (*sophrosyne*³) - são outros tempos, pós- crise dos valores tradicionais e crítica dos sofistas. A temperança, por sua vez, conduz à justiça, ao equilíbrio, à medida adequada que evita o excesso, a desmedida.

Ao enfatizar a temperança como uma das virtudes a ser atingida, Sócrates apontava o conhecimento como o caminho que conduziria a essa vivência virtuosa, orientada não pelos bens aparentes, mas pelas formas puras e dentre elas sobretudo pela do Bem em si mesmo. *Eidos* e *idea*⁴ (aspecto) são noções fundamentais com as quais Platão elaborará seu conceito de Ideia, que é o inteligível, o em si, o modelo que serve de critério para todas as coisas sensíveis, cujo ápice se dá com o conceito de Bem em si. A filosofia é então concebida como busca do saber da realidade última que necessariamente implica em um agir com retitude com respeito ao real assim concebido. Dessa forma, alcançaria já nessa vida a saúde da alma e, a partir da saúde da alma, o equilíbrio do corpo, a sabedoria humana e, após a morte, a imortalidade da alma.

Se no *Fedón* Platão apresenta uma filosofia e uma medicina da alma que desprezam o corpo, no *Timeu* esta concepção é contrabalanceada por outra na qual o homem é visto como um ser constituído por uma alma divina posta em um corpo físico de modo natural, entendendo o corpo como um instrumento a serviço da alma.

Por outro lado, em Platão, a medicina deveria servir de modelo para uma retórica autêntica – como se pode averiguar no *Fedro* –, com a finalidade de encaminhar a alma e o corpo do homem para o que verdadeiramente é melhor para ele. Assim como ao corpo deve-se dar remédios e alimentos para restaurar-lhe a saúde e a força, à alma é preciso infundir convicção, tornando-a virtuosa por meio de discursos e argumentos legítimos. O método a ser seguido é o de Hipócrates, que indicava ser necessário em primeiro lugar verificar se a natureza do objeto era simples ou multiforme.

O que se pretende enfatizar com toda essa comparação entre filosofia e medicina antigas era a concepção de unidade e totalidade inerente a elas. Não se pode falar de equilíbrio do corpo sem o equilíbrio da alma. Igualmente, uma parte do corpo não pode ser curada senão em função do todo do corpo e o corpo não pode ser curado sem ter em conta a alma. Em outras palavras, o homem entendido como um todo.

No trato da sanidade do corpo, Platão também recupera a concepção de justa medida da medicina, entendendo-a não em termos quantitativos e aritméticos mas qualitativos. A justa

³ Sanidade do caráter, autocontrole e moderação, guiados pelo verdadeiro autoconhecimento.

⁴ Ambos os termos significam forma, aspecto, e na filosofia platônica nomeiam a causa última da realidade, a mais plena realidade, entidades de onde provém toda a delimitação visível-compreensível do real.

medida proporciona a saúde do corpo porque é o acordo intrínseco do organismo consigo mesmo e com o que lhe é exterior. No entanto, estando alma e corpo em uma relação hierárquica, ela deve ser uma justa proporção entre essas duas partes, mas compreendendo-se que apenas com a saúde da alma é possível realizar com justeza a saúde do corpo.

A palavra, o encantamento que promove o cuidado da alma e a saúde integral, é o remédio indicado pela filosofia platônica. Assim como um medicamento mal empregado pode gerar doenças, pode mascarar uma patologia, a palavra mal empregada também o pode. Já para Hipócrates, é o conhecimento das circunstâncias, *Dos ventos, águas e regiões*, da organização da sociedade, da natureza e dos hábitos do indivíduo, e não de um princípio universal, que garantirá o emprego correto de um *pharmakon*, seja ele uma dieta, um remédio ou uma palavra.

Em *Das Epidemias*⁵, é explicitada a aproximação das propostas das escolas hipocrática e platônica no que se refere à necessidade do cuidado da alma: “*O esforço físico é alimento para os membros e para os músculos, o sono o é para as entranhas. Pensar é para o Homem o passeio da alma.*” (Hipócrates, 2002). O exercício, do corpo e da alma, seria o caminho para a manutenção da saúde, a profilaxia para a manutenção e aperfeiçoamento do equilíbrio natural.

Se o pensar é o exercício da alma e a palavra o seu remédio, tendo como objetivo o equilíbrio natural, o cuidado é necessário antes mesmo da manifestação de uma enfermidade. Daí a necessidade constante de uma dieta adequada, considerando que o conceito de dieta não se aplica apenas à organização dos alimentos, mas a todo um regime de vida, incluindo o exercício do pensar, e do diálogo provocativo ao pensar, para a manutenção da saúde integral – corpo, alma, sociedade e natureza. Nesse sentido a medicina hipocrática e a filosofia socrático-platônica aproximam-se, mas também diferenciam-se profundamente quando atentamos para a especificidade que o quadro exposto acima encontra no seio da metafísica platônica. Assim, o médico aparece, na Antiguidade, como um modelo a ser imitado e superado pelo filósofo.

⁵ Título de texto de Hipócrates, onde é relatada a necessidade do médico conhecer o ambiente (ventos, águas, regiões), a organização da sociedade, os hábitos, e diversos dados imprescindíveis para prescrever um tratamento adequado ao doente.

3 DOS DISCURSOS PRESENTES NO *BANQUETE*

Como foi apresentado no capítulo anterior, a Filosofia surge em Atenas no século V a.C. em circunstâncias que marcarão profundamente seu caráter. Quais sejam elas: as instituições democráticas, o poder proveniente do discurso e a disputa entre seus diversos modos (político, sofístico, poético, militar, médico e, por fim, filosófico) em vistas da orientação da vida e da cidade, sobretudo no que diz respeito à formação dos cidadãos. A forma como se realiza a filosofia, em sua aurora ateniense, a saber, o diálogo – tanto como prática socrática, quanto como gênero literário-filosófico platônico – é uma das marcas mais visíveis dessas circunstâncias.

O diálogo *O Banquete*, do qual trataremos neste capítulo, apresenta-se a nós como texto que devemos privilegiar em nosso estudo. Pois não se trata de um diálogo de Sócrates com um ou dois interlocutores apenas (como a maioria dos demais diálogos platônicos, em que, no mais das vezes, Sócrates discute com uma figura que representa um regime do saber e da prática⁶). O Banquete traz à baila uma diversidade de discursos – inclusive o discurso técnico-médico de Erixímaco – extremamente representativo do espaço de disputa pela configuração do cuidado do homem consigo.

De acordo com Santoro (2004, p. 80), a Erótica platônica é uma disputa amorosa em que insere a Filosofia, pela via do Banquete, na sacração do jogo e da festa, estes últimos que são celebrações consagradas aos deuses. A ocasião em que se passa o Banquete “não poderia ser mais dionísica: Agatão acaba de vencer o concurso de tragédias nas festas lêneas. No dia seguinte, depois de comemorar a vitória com as coristas e o povo numa festança em que se bebeu à loucura, ele convida um grupo de seletos amigos para continuar a comemoração bebendo em sua casa.” (Santoro, 2004, p.80-81)

Devemos entender como o texto como um banquete, um *sympósion*, uma reunião (*syn-*) para beber (*pino*). Segundo Santoro (2004), Erixímaco, assumindo parcialmente a função de simposiarca para a qual a medicina o habilita (pois é papel do médico regular o regime de vida do comer e do beber – daí podemos observar um traço desse encaminhamento da medicina na vida dos gregos daquela época) sugere aos convivas trocar as flautistas pelos discursos e propõe que se façam encômios a Eros. A partir daí começam os discursos relacionados a Eros.

O primeiro a discursar em relação a Eros é Fedro⁷. Em sua fala, ele aponta a

⁶ Exceção feita à República.

⁷ O nome vem de *phaidros* – agradável, tempo claro.

concordância de várias fontes sobre o fato de o amor ser desguarnecido de genitores, sendo então o deus mais antigo. Ele menciona Hesíodo, localizando o nascimento do amor juntamente com a Terra depois do Caos. Alude também a Parmênides, que situa a origem de Eros antes de todos os deuses:

[...] Trago a prova: ancestrais de Eros não existem, ninguém jamais se referiu a eles, seja um qualquer, seja um poeta. Hesíodo afirma que primeiro apareceu o Caos '... em seguida a Terra de amplos peitos, de todos assento seguro sempre, e Eros...' Acusilau reafirma o que se lê em Hesíodo, ao declarar que depois do Caos apareceram a Terra e Eros. Parmênides, ao se referir à origem, sustenta: 'antes de tudo, [a Justiça] ideou Eros' [...] (PLATÃO, 2010, p.35, 178a)

O fato de Eros ser o deus mais antigo distingue o amor como causa ou fonte dos bens. Fedro aponta a presença, na relação amorosa, da aspiração a ser visto como belo. Esta aspiração determina o sentimento da vergonha diante dos olhos do amado, fator que impulsiona para a realização de grandes feitos. A força do amor se estende também para a cidade e para a luta, onde a morte seria preferível a ser visto como indigno pelo amado. O poder do amor leva ao extremo do desapego à própria vida. A conclusão de Fedro é que o amor é o deus mais antigo, honrado e poderoso, orientando os homens para a virtude, felicidade durante sua vida e mesmo após a morte.

Logo após Fedro, Pausânias (é um homem que pausa, segundo a observação jocosa de Aristodemo, mas agora, na sequência dos oradores, é convocado a falar como um homem que pensa) inicia seu discurso. Segundo Pausânias, tudo o que Fedro tinha acabado de dizer estaria muito bom se houvesse apenas um Eros, entretanto em verdade há dois. “Não me parece suficiente, Fedro, tua proposta de engrandecer Eros indiscriminadamente. Se, na verdade, Eros fosse um só, eu não teria objeções, acontece que Eros não é um só” (PLATÃO, 2010, p.41, 180b).

Como na versão mais usual da mitologia, Eros é filho de Afrodite. Haveria dois Eros, pois há duas Afrodites, a Pandêmia (do grego *pan* – todos e *demos* - povo) e a Urânia. A primeira é deusa do amor físico, e Urânia é a deusa do amor celestial (amor pelo espírito, pela inteligência, pelo bem-estar etc.). Então há dois tipos de Eros: o vulgar, porque tende à mera satisfação dos apetites sensuais sem medidas; e o Eros divino, pois impulsiona o zelo de servir ao verdadeiro bem e à perfeição do amado. O amor para Pausânias é sinônimo de liberdade para o homem. Pausânias chega à conclusão de que o amor aproxima o sujeito das virtudes.

Assim finda Pausânias e, de acordo com a disposição dos homens no banquete e da forma organizada que ia seguindo a discussão, seria a vez de Aristófanes. Mas esse se encontrava num “imprevisto” ocasionado por uma crise de soluços (ocorre quando se ri ou

quando se chora demais?) e passou a palavra para o próximo, o médico Erixímaco.

O médico Erixímaco propõe ao amigo em soluço três "remédios" para o problema: “[...] Enquanto eu estiver falando, tranca a respiração o mais que puderes. Se esse recurso não produzir o efeito desejado, gargareja com água. Se, mesmo assim o soluço persiste, coça o nariz com alguma coisa. Duas ou três esfregadas derrubam o mais obstinado soluço.” (PLATÃO, 2010, p. 53, 185c).

Após Erixímaco propor a solução para os soluços de Aristófanes, o primeiro começou seu discurso acerca de Eros. De acordo com o médico, é mantida a duplicidade de Eros, mas de um modo distinto do de Pausânias. “Que Eros seja duplo, parece-me distinção correta. Creio, porém, ter observado na medicina, minha arte, que Eros não procura só o belo nas almas dos homens, mas tende ao belo também na variedade dos outros domínios: os corpos de todos os animais, os produtos da terra... Para resumir, todos os seres.” (PLATÃO, 2010, p.53, 186a).

Erixímaco afirma que Eros não habita apenas nos seres humanos. Ou seja, Eros não está limitado ao âmbito dos homens. Ele é uma força cósmica que atravessa os entes naturais; uma energia universal que percorre seres animados e inanimados. Sendo assim, Eros não está presente apenas nas almas dos homens; ele manifesta-se também em animais, vegetais ou minerais. Trata-se de uma potência criadora que tudo penetra.

Erixímaco celebra a Arte começando pelo que é de seu conhecimento, a medicina. Ele diz que a essência dos corpos abrange a duplicidade erótica. Segundo Erixímaco, há um Eros Bom, que não é exatamente o Eros Celeste tratado no discurso de Pausânias, e que traz a harmonia, a concórdia e o equilíbrio; há outro, o Eros Mau, que não é necessariamente o Eros Vulgar, mas que tudo se opõe ao Eros Bom. O primeiro Eros é o responsável pela saúde e pela música; a conciliação entre os diferentes humores do corpo e entre os diferentes sons. O segundo Eros é o do excesso e do desequilíbrio, o responsável pela doença e pela cacofonia. Conhecedor dos dois Eros e seus efeitos, a tarefa do médico, aliando-se ao Eros Bom, é reestabelecer a harmonia.

Erixímaco define a medicina como a ciência das eróticas do corpo. “A medicina, em resumo, é o saber rigoroso dos corpos eróticos⁸ tanto para a repleção como para a evacuação, e quem distingue nos corpos o Eros belo e o Eros reprovável é o mais hábil dos médicos.” (PLATÃO, 2010, p.55, 186c).

Pode se observar na passagem acima uma inclinação da filosofia acerca do Eros no

⁸ Literalmente: “das eróticas do corpo” (*tôn toû sómatos erotikôn*).

discurso de Erixímaco para a medicina hipocrática, pois o médico é chamado a restabelecer o equilíbrio, a medida da natureza. E o médico dito ideal é o que motiva “uma transformação a ponto de provocar a aquisição de um dos Érotas [os dois tipos de Eros] em lugar do outro.” (PLATÃO, 2010, p. 55, 186c)

Por fim, Erixímaco defende que Eros é a atração ordenada dos opostos. Ele é o elemento primordial que promove a harmonia dos contrários; o poder pacificador que concilia realidades antagônicas. Por exemplo, assim como a harmonia musical decorre da consonância de divergentes como o agudo e o grave, assim também a concórdia cósmica deriva da combinação de discordantes efetuada pela força unificadora do Eros. A idéia de harmonia, tão presente em *A República*, aparece aqui novamente, até mesmo quando o médico grego diz que o homem deve sim consentir o prazer, mas não se deve deixar corromper por esse.⁹

Após a recuperação de Aristófanes, que é um poeta e comediógrafo, tomou a palavra relatando um novo mito, o mito da criação dos seres humanos como são hoje. Para Aristófanes, Eros é um anseio, uma busca metafísica do homem por uma totalidade do Ser, inacessível sempre à natureza do indivíduo. Uma das coisas que revela isso é a saudade dos amantes que desejam não se separar em tempo algum; não se trata somente de algo corporal, mas de algo que une as almas ou, dizendo de outra forma, complemento que uma alma busca na outra. Segundo Aristófanes:

Quando acontece encontrar a metade que lhe falta, o erasta de meninos ou qualquer outro erasta experimenta emoções extraordinárias, causadas pela amizade, pela intimidade, por Eros. Em síntese, a separação não lhes interessa nem por um breve espaço de tempo. Os que passam a vida juntos são esses. Um não saberia dizer o que espera do outro. Ninguém diria que a causa disso é a camaradagem afrodisíaca. Seria essa a razão do prazer intenso que o convívio lhes traz? (PLATÃO, 2010, p. 67, 192b)

Aristófanes finaliza sua exposição sobre o amor de forma belíssima, predizendo que o homem só terá uma vida feliz se tomado por Eros:

Penso que todos chegaríamos a completo bem-estar se soubéssemos atingir o alvo da nossa força erótica, alcançando cada um de nós o objetivo de seus desejos para restaurar sua natureza primitiva. Se é nisso que reside a perfeição, é forçoso que melhor se sentirá aquele que mais se aproximar dela, certo de que o desejado se corresponde a seu gosto. Se queremos enaltecer a divindade que nos traz alegria, nosso louvar se elevará com justiça a Eros. (PLATÃO, 2010, p. 71, 193c)

Concluída a fala de Aristófanes, o leitor tem pela frente dois discursos: o de Ágaton, filósofo, e Sócrates. Estes encetam uma discussão para saber quem falará adiante. Sócrates não perde a ocasião para impelir sua ironia, dizendo ter uma posição temerosa, falando a respeito do amor depois do belo discurso que provavelmente Agatão proferirá. Fedro

⁹ O discurso de Erixímaco será melhor explorado no próximo capítulo, a fim de satisfazer o propósito inicial desta monografia.

reorganiza a ordem dos discursos e dispõe Agatão para discursar.

A fala de Agatão inverte o que foi apreendido na de Fedro.

Agatão tece sua tese sobre Eros dizendo que “os que me precederam, todos, não enalteceram, parece-me, o deus; limitaram-se a proclamar venturosos os homens de cujo bem-estar o deus é causa. Ninguém se referiu, entretanto à natureza do galardoador” (PLATÃO, 2010, p. 75, 194e). Ele continua dizendo que para que um elogio seja correto, o procedimento que se deva tomar em conta é o de “expor discursivamente qual a natureza do objeto em foco capaz de produzir certos efeitos. Esta parece-me ser a maneira mais justa de elogiar Eros: primeiro sua natureza; depois, seus dons.” (PLATÃO, 2010, p. 75, 195a).

Ele afirma que Eros não é o mais antigo dos deuses e sim o mais jovem, pois só o que é jovem é flexível e maleável e essa fluidez faz com que Eros molde-se e penetre em todos corações e almas, dos deuses e dos homens, onde faz sua morada¹⁰. Afora naqueles cujos corações e almas estejam por demais endurecidos. Sendo a origem do maior de todos os prazeres, Eros conduz à temperança e à concórdia, vencendo mesmo a concupiscência, que não seria verdadeiro amor. Entretanto, acima de tudo, Eros seria a fonte de toda criação.

Terminado o discurso de Agatão, antes de começar sua própria fala, e que enunciará como não sendo sua, Sócrates diz que todos elogiaram Eros com os mais belos e grandiosos predicados, ninguém se preocupou em saber se seriam verdadeiros ou não. A partir disso, quando a vez do discurso de Sócrates sobre Eros é posta em jogo, ele inaugura sua fala fazendo perguntas a Agatão sobre a essência de Eros, em que Agatão chega a mesma conclusão de Sócrates: “Conclusão: se Eros é carente do belo e se o belo é carente do bem, Eros é também carente do bem” (PLATÃO, 2010, p. 89, 201c). Porém, logo depois ele que expõe o discurso que travara com a sacerdotisa Diotima de Mantinéia sobre a genealogia de Eros, desconstruindo assim a conclusão que tivera com Agatão. Sócrates utiliza o recurso interrogativo, o que também foi utilizado pela sábia, pois ele o considera mais apropriado e eficaz para provar que a natureza de Eros não é nem boa, nem má, como ele mesmo diz: “Convém, a teu exemplo, considerar primeiro quem é Eros, qual é sua natureza, para depois analisar as obras dele. Parece-me mais fácil proceder como a Estrangeira¹¹, que naquela ocasião me submeteu a perguntas” (PLATÃO, 2010, p. 91, 201e).¹²

Sócrates utiliza o mito de Diotima: segundo ele, em determinado tempo, havia perguntado à profetisa Diotima de Mantinéia coisas sobre Eros. De acordo com esse mito,

¹⁰ “O semelhante ao semelhante busca” (PLATÃO, 2010, p. 74, 195b)

¹¹ A Estrangeira aqui referida é a sacerdotisa Diotima de Mantineia.

¹² O discurso de Sócrates será melhor explorado no próximo capítulo, cabendo neste apenas uma breve apresentação das ideias gerais implícitas na fala do filósofo Sócrates.

Eros é filho de Poros (riqueza) e de Pênia (pobreza). Isso coloca Eros em uma posição intermediária: ele não é nem feio e nem belo, nem participa da bem-aventurança, característica essencial da divindade. Eros é um ser duplo, herdado da diferença de seus pais, o que o coloca numa posição intermediária. Eros é um poder educador e que mantém unido todo o cosmo espiritual, isso porque ele é a aspiração comum a todo homem de buscar e se apossar por completo do belo.

O discurso de Diotima, nesse caso é o mais importante. Na fala de Sócrates, está na tradição grega e coloca na ideia de Eros toda a atividade de criação espiritual. Eros é um poder educador e que mantém unido todo o cosmo espiritual, isso porque ele é a aspiração comum a todo homem de buscar e se apossar por completo do belo.

Diotima inverte a posição de amado e amante: se antes Eros era tomado como o amado (erômendo), agora Diotima descreve Eros como o amante (erasta).

O discurso de Diotima retoma a ideia do amor como busca pelo preenchimento de uma carência como no mito da cara-metade, mas ela vai corrigi-lo em um aspecto importante: a carência primordial não é a de uma outra metade perdida, mas a busca da integridade total da beleza, que não é satisfeita com uma outra metade, com um outro indivíduo, com nenhum recorte parcial, mas só se realiza quando alcança a última e mais universal ideia do belo em si mesmo. (SANTORO, 2004, p. 108)

De acordo com Santoro (2004), após tratar Eros como procriador da vida e da educação dos jovens no que diz respeito às virtudes, Diotima expõe uma das mais importante partes de seu discurso: “a teoria erótica iniciática – a ascese amorosa que irá conduzir o amante da beleza à contemplação máxima da ideia do belo em si mesmo” (SANTORO, 2004, p.109).

Diotima explana detalhadamente cada etapa da ascese amorosa e como transcendê-las. Galgar cada degrau significa alcançar um maior nível de universalidade e beleza, de maneira que as fases precedentes são subsumidas pelas futuras. “São sete graus: amor de um corpo, e depois de todos os corpos; o amor das almas; o amor dos belos ofícios; o amor das leis; das ciências; até chegar a mais alta ciência amorosa, aquela que contempla o belo em si mesmo.” (SANTORO, 2004, p.110).

O Banquete se encerra com a chegada de Alcibíades e seu bando: todos bêbados. Alcibíades põe fim aos louvores a Eros e inicia elogios a Sócrates. Com o encerramento das honrarias a Eros e o início dos elogios a Sócrates, esse encarna o próprio Eros, ou seja, encarna a filosofia. Se não bastasse, Alcibíades anuncia ter grande amor por Sócrates: como pode um jovem de beleza exuberante fazer elogios e anunciar o seu amor a um velho tão desfeito como Sócrates? Insere-se aí a valoração da filosofia e um novo valor: a beleza

interior superior à beleza exterior, perecível.

4 A TEORIA PLATÔNICA DAS IDEIAS E A ASCESE ERÓTICA DO *BANQUETE*

Para dar cabo ao nosso trabalho, precisamos agora tornar clara e manifesta a articulação da ascese erótica platônica com a sua “Teoria das Ideias”. Esta que serve de sustentáculo para a edificação da teoria do conhecimento platônico. É importante saber o que Platão entendia pela palavra “Ideia”, já que dista bastante do modo como atual e corriqueiramente utilizamos este termo. Hoje em dia, o que é entendido por ideia nos leva a uma concepção de um resultado final da atividade mental humana. Logo, diferentemente da concepção atual de ideia, o sentido desta última, expresso nas linguagens platônicas nos remete ao termo *eide*¹³.

É na Ideia que se abriga a unicidade e, portanto, a universalidade de cada conceito. A Ideia já é, propriamente, a unidade. (JEANNIÈRE apud MOREIRA, 2008, p. 41)

Segundo Benoit, Platão apresentando-se como seguidor das doutrinas socráticas, ansiava conhecer o ser das coisas, ou seja, aquilo que elas são “em si e por si mesmas”. Platão desejava buscar a essência da realidade, reconhecer as coisas em sua forma mais pura e, portanto, mais bela e perfeita. Ou seja, conhecer o ser de cada coisa, aquilo que dava concretude, que lhe permitia se movimentar e, assim, viver. Distanciando-se das aparências, o filósofo procura pela parcela universal e imutável da natureza. E essa forma essencial é, na verdade, a Ideia de cada coisa. Daí termos falado que o termo *eide* é mais bem expresso pela palavra forma. (BENOIT apud MOREIRA, 2008, p. 41).

Logo, se reconhecemos que certo objeto é belo ou não através de nossos sentidos, é devido ao fato de que este objeto possui algo que o enquadra na Ideia de belo, que então é próprio da natureza deste objeto. Portanto, passamos pelo campo das aparências para entender, visualizar a essência das coisas como elas são, codificando a Ideia, que é a característica mais universal das coisas.

Segundo Moreira (2008), a realidade pré-determinada (mundo inteligível) não depende das nossas “astúcias”. A “ideia” de Ideia já abarca a noção de universalidade: os frutos da atividade puramente intelectual devem ser objetivos e universais. Nossos sentidos apenas captam a particularidade que, antes, já faz parte de um todo.

Sendo assim, as Ideias têm um modo universal próprio, não estando contidas às

¹³ Forma.

subjetividades de nossas interpretações. Assim, de acordo com Moreira (2008, p. 43):

[. . .] a Ideia de belo não se modifica ou se cria pelo aspecto de cada objeto. O belo em si é objetivo e permanece o mesmo. Uma vez nossa alma tendo reconhecido a totalidade (o belo em si), nossos sentidos, em conjunto com a atividade racional, conseguem identificar os objetos e, inclusive, classificá-los como mais ou menos belos entre si, num exercício comparativo. Porém, a Ideia de belo não possui mais ou menos, ela é una e imutável. [...] Tendo a alma humana contemplado a igualdade em si, a Ideia de igualdade, é possível que o homem, ao se deparar com os diversos objetos em seu cotidiano, reconheça-os como semelhantes ou distintos entre si, estabelecendo noções sensíveis de igualdade. Desta maneira, quando duas coisas se mostram semelhantes perante os olhos humanos, não é a verdadeira igualdade que se revela nesta comparação, mas sim uma percepção sensível e particular de igualdade. [. . .] É necessário que, antes de particularizar algum conceito (como, por exemplo, o de igualdade), o homem esteja ciente da universalidade deste conceito, conhecendo, assim, seu verdadeiro sentido, sua Ideia.

Para conhecer dada coisa em sua totalidade, é preciso então alcançar o conceito platônico entendido por Ideia.

O homem possui certo acesso às Ideias, em que ele tem a capacidade de cruzar o que é material chegando à imaterialidade deste, no que diz respeito a deixar as crenças e senso comum de lado, debruçando-se sobre a unicidade da coisa, chegando então a ideia universal. Ou seja, é através de uma multiplicidade característica do homem que ele alcança unicidade de certa coisa, a verdade universal.

O conhecimento do homem se dá também pelo campo sensível em que ele vive, e a partir do que se entende sobre o inatismo platônico, não é contraditório afirmar que a sensibilidade tem certa participação no processo de conhecimento (que é de caráter universal e inato) para se chegar à verdade, à Ideia.

Para se chegar ao princípio eterno e imutável da *physis* dentro de uma realidade que é exposta a constantes transformações, Platão diz que as Ideias repousam no mundo inteligível, e então, dentro deste campo inteligível, permanecem imutáveis e eternas, sem comover-se pelo o que é externo e mutável.

É cabível nesta monografia falarmos da teoria das Ideias, pois durante todos os diálogos presentes no *Banquete*, é observável uma ascensão da verdade, em que é exposto um tema (a busca pela essência de Eros), uma ideia é posta em jogo, e logo depois é revogada pelo personagem procedente, e assim se vai, até chegar a vez da última fala, que é a de Sócrates, que no caso é o que mostra a verdade em todo o *Banquete*, pois Sócrates não anula totalmente os discursos anteriores, mas reformula e procura buscar o que foi proposto, não se atentando em apenas fazer encômios a Eros.

Logo, pretendo expor-lhes o discurso, que originalmente não é de Sócrates, mas sim fruto do diálogo entre o filósofo e a sacerdotisa Diotima de Mantinea, já mostrada

concisamente no capítulo anterior nesta monografia.

Etimologicamente, a palavra filosofia (do grego *philos* e *sophia*) é definida, primeiramente, pelo pré-socrático Pitágoras de Samos como amor - ou amizade - pelo saber. No *Banquete*, pode-se perceber uma referência de Platão a essa definição pitagórica. Essa alusão se dá no discurso de Diotima de Mantinea, personagem a quem Sócrates atribui o que ele sabe sobre esse deus chamado Eros. No diálogo em que Sócrates travara com a sacerdotisa, Eros é um “demônio” (*daimon*), cuja função é essencialmente a de síntese. Ou seja, Eros é a síntese das características herdadas de seus pais. Por ser filho de Poros (recursos) e “neto”, por assim dizer, de Métis (sabedoria e inteligência prática), Eros herdou características de astúcia. A figura paterna nos remete à idéia de uma natureza inventiva e astuciosa, sempre a espreita na procura ou na caça. Engenhoso, Poros sabe encontrar os meios para obter aquilo a que visa, é investigador, caçador, conquistador. Já de Penia que o teria gerado, pobre, mendiga, que se aproveita do sono pesado de Poros para conseguir alívio para sua miséria, Eros herdou características de carência, falta.

Etimologicamente, a palavra filosofia (do grego *philos* e *sophia*) é definida, primeiramente, pelo pré-socrático Pitágoras de Samos como amor - ou amizade - pelo saber. No *Banquete*, pode-se perceber uma referência de Platão a essa definição pitagórica. Essa alusão se dá no discurso de Diotima de Mantinea, personagem a quem Sócrates atribui o que ele sabe sobre esse deus chamado Eros. Segundo um mito que Sócrates aprendera de Diotima, em uma festa em honra ao nascimento de Afrodite, Poros ficou embriagado e adormeceu nos jardins de Zeus. Pênia foi à festa mendigar e encontrou Poros, então, pela carência em que se encontrava de tudo o que tem Poros e cogitando ter um filho do mesmo, dormiu com ele e concebeu Eros. Por ser filho de Poros (Caminho) e “neto”, por assim dizer, de Métis (sabedoria e inteligência prática), Eros herdou características de astúcia. A figura paterna nos remete à idéia de uma natureza inventiva e astuciosa, sempre a espreita na procura ou na caça. Engenhoso, Poros sabe encontrar os meios para obter aquilo a que visa, é investigador, caçador, conquistador. Já de Penia que o teria gerado, pobre, mendiga, que se aproveita do sono pesado de Poros para conseguir alívio para sua miséria, Eros herdou características de carência, falta. No diálogo em que Sócrates travara com a sacerdotisa, Eros é dado como um “demônio” (*daimon*), cuja função é essencialmente a de síntese. Ou seja, as características herdadas dos pais conferem uma essencial necessidade de mobilidade, mediação de Eros.

Desse modo Eros nasce, e então, essa é a sua natureza. Por Eros não ser belo completamente em si, será a pretensão pela beleza. Embora Eros ter herdado características de

seus pais pode-se considerar sua natureza feliz, pois ele é rico em recursos potenciais, não tem nada em si, mas pela consciência desse seu estado quer muito. Está em penúria, mas sabe de sua penúria; quer sair de si e aspira por saber, por beleza e fecundidade. O saber do seu não-ser (falta), da sua finitude, aspira à plenitude.

As características dadas pela sábia de Matineia descrevendo Eros mostram ter uma relação bastante íntima com a Filosofia (Sócrates). Segundo Diotima, é por estar entre o saber e a ignorância que o amor é filósofo. A sábia diz que um Deus não filosofa, pois tem ciência do que sabe; o ignorante não filosofa, pois ele mesmo nem sabe que não sabe. Eros tem noção da carência que o caracteriza, e pretende, com todo o seu ser, preenchê-la. Ele parte em procura da tomada do saber, e essa conquista pode se aludir à alegoria da caverna, em que o filósofo, depois de ter percorrido o caminho ascendente e descendente, chega à luz, à filosofia. Devido a isso que se pode perceber como Sócrates se parece tanto com Eros. Este, que não é belo nem feio, mas seduz e encanta; é pobre mas está sempre a procura do enriquecimento interior; é ingênuo e simultaneamente um caçador de verdade, assim como Sócrates é conhecido.

Pode-se então dizer que o filósofo transcende a uma simples natureza humana, representando a imagem divina de Eros e simboliza a Filosofia em carne viva. Sócrates sempre está em busca da contemplação do absoluto, da verdade, mas ao mesmo tempo se reconhece indigente, assim como Eros é caracterizado.

Quando Diotima estabelece uma afirmação, dizendo que Eros não é bom nem mau, Sócrates julga que então ele seria feio e mau. Diotima disse que o que não é belo, não é necessariamente feio. Pois quem não é sábio não é por isso ignorante, uma vez que existe um meio termo entre a sabedoria e a ignorância. Nesta passagem estima-se que o relato de Diotima harmoniza-se com a filosofia platônica, pois o conhecimento verdadeiro, o amor à sabedoria, é um meio termo entre a sabedoria e a ignorância.

A opinião sem argumentação conveniente não é sabedoria, pois não é bem fundamentada e, também, não é ignorância, porque, de algum modo, atinge a verdade. Com este pensamento, Diotima apresenta a possibilidade de que o que não é belo, não significa que seja totalmente feio; o que não é bom, não é necessariamente mau. Assim é Eros, algo intermediário entre dois termos. Entretanto, dada sua natureza, ele não poderia ser considerado um deus, pois os deuses são felizes e belos. A felicidade e a beleza são concedidas aos deuses porque eles as possuem; se Eros carece de coisas boas e belas, então

ele aspira ao que lhe falta. “Como, então, seria deus o desprovido de coisas boas e belas?” (PLATÃO, 2010, p.93, 202d).

As formas ideais como a Verdade, Beleza e Bem participam uma da outra, sendo que é inconcebível para Platão alguém ser sábio e não ser belo, ou ser belo e não ser bom. Porém, no que diz respeito à essência de Eros, Sócrates acredita que ele não pode ser um deus, se ele não participa nem do belo, nem do bem. Se ele não é um deus, então é mortal. Diotima não concorda com esse desfecho de Sócrates, pois ela afirma que Eros é um meio termo entre o que é mortal e o que é imortal. Sócrates não compreende o que Diotima quer dizer e pergunta: “Ele é, então, o quê, Diotima?” (PLATÃO, 2010, p., 202d). A sábia argumenta, dizendo que Eros é um demônio poderoso e tudo o que diz respeito à natureza demoníaca representa o meio termo entre os seres divinos e os seres mortais, como pode ser visto na citação:

Ele é intérprete e mensageiro. Leva aos deuses assuntos humanos e traz aos homens instruções divinas. [...] Estando no meio, ele completa uns e outros. Sendo assim, achega o todo a si mesmo. Através dele, nos vem a arte divinatória inteira, como também a arte dos sacerdotes, dedicados a sacrifícios, a iniciações, a encantamentos, a toda sorte de predições e à magia. Deus e homem não se misturam, mas é através de Eros que se estabelece o contato e a conversa entre deuses e homens, quer estejam acordados, quer dormindo. O entendido nisso é demônico. O experiente em outra artes, em outros ofícios é artesão. Os demônios são muitos e variados. Eros é um deles. (PLATÃO, 2010, p.93, 202e - 203a).

O demônio pode ser considerado, então, um arauto sutil que, primeiramente, interpreta o que é próprio dos seres humanos e o guia aos deuses, depois, traz aos homens o que é próprio dos deuses. Súplicas e sacrifícios dos homens, as ordenações e recompensas divinas. Demônio está entre uns e outros, ocupando o espaço intermediário, mantendo unidas estas duas partes que formam o todo. Atribui-se à distância dos deuses dos homens a necessidade do demônio, para estabelecer comunicação entre ambos, tanto no estado onírico, quanto no estado de vigília. O homem versado nestas coisas tem caráter demoníaco e é inspirado pelos deuses, enquanto o homem que tem arte para fazer outras coisas que não aquelas, pode apenas ser considerado artífice.

Evidencia-se no Banquete a história de Eros, que permite a interpretação de que ele se trata de um demônio, pois é intermédio entre o que é imortal e o que é mortal. Isso se deve às naturezas de seus pais. Segundo Platão (2010), os deuses se reuniram em um banquete para comemorar o nascimento de Afrodite. A partir deste relato Platão estabelece as relações (já descritas anteriormente) entre Eros e Filosofia. Para ele, o filósofo distinguiu-se do ignorante e do sábio. Este último considera-se conhecedor de muitas coisas, o primeiro por não saber, pensa que sabe, e o segundo, consciente de sua ignorância, busca a sabedoria. Por isso o

filósofo encontra-se no limiar da ignorância e da sabedoria, nas palavras de Sócrates, entre o que é feio e o que é belo, entre o que é mau e o que é bom. O desejo que impulsiona o filósofo deve-se a Eros, é um dos demônios que orienta Sócrates no sentido de conhecer a verdade que é divina.

Diotima não depreende um amor que tem sua origem no impulso, mas sim entre a sabedoria e a ignorância. A sábia de Manteneia não cancela o pensamento socrático, mas o utiliza para justificar seu entendimento a respeito do Eros. Pois, comparar Eros ao filósofo é dizer que ele não é inconsciente, mas repleto de razão. Percebe-se essa analogia quando Diotima diz que Eros não é sábio e nem ignorante; belo e nem feio; mas, é o seu meio termo, e o filósofo também não é sábio e nem ignorante, ele está entre um e outro. Não obstante, ela diz que, assim como o filósofo busca a sabedoria, o Amor busca o belo. Nessa conformidade, pode-se entender que o Amor está compenetrado numa certa racionalidade socrática.

No diálogo travado com Sócrates, Diotima apresenta, segundo Platão, várias facetas do que para ela é a beleza. Daí decorre a necessidade de compreender o meio termo, ou melhor, entender Eros como sendo este meio termo. Porque, por estar entre a ignorância e a sabedoria é que se diz que Eros filosofa.

[...] No território das coisas mais belas está o saber. Eros é desejo voltado ao belo. Já que o filósofo ocupa um lugar entre o saber e a ignorância, é imprescindível que Eros seja filósofo. Sendo filho de um pai sábio e inventivo e de uma mãe não-sábia e limitada, a origem determinou essa situação. A natureza deste dêmon, meu caro Sócrates, é essa [...]. (PLATÃO, 2010, p. 95, 204b).

Outro fator que também está relacionado ao amor é o ato de procriar: para Diotima,

[...] Chegados a certa idade, nossa natureza deseja dar à luz. Como a natureza não pode gerar no desprezível, deverá gerar no belo.[...]O desarmonioso não propicia a procriação. O feio não harmoniza com o divino. Harmonioso é o belo. [...] quando um corpo belo se aproxima o fecundo, experimenta conforto, verte bem-estar, dá à luz, procria. Quando, ao contrário, se avizinha do feio, recolhe-se sombrio, aflito, afasta-se, retém, não gera; guardando o fruto da fecundidade, carrega-o penosamente. Daí é grande o contentamento do fecundo, do etumescido na presença do belo. O parto o liberta de imensa dor.[...]. (PLATÃO, 2010, p.101, 206c - 206d).

Conforme Diotima, o belo se recolhe no feio, ou seja, o belo não combina com o feio, por isso, se diz que a procriação só pode acontecer no belo. Cada animal, cada homem procura aquele que é bonito para si, daí resultará o amor pelo outro, o amor pela beleza do outro.

A ânsia pela procriação também nos leva a uma outra questão: todos os animais, inclusive o homem, amam e procriam por uma necessidade de perpetuação da espécie. Para um mortal é a única possibilidade de continuar imortal, pois seus filhos irão sucedê-lo. Eros,

aqui, é considerado como o desejo de imortalidade, porque as pessoas o veneram, dado que ele é o grande impulsionador deste desejo, uma vez que é o deus da beleza, e o ato de procriar é belo.

Segundo Diotima, até mesmo os animais são exemplos vivos deste amor de perpetuação e imortalidade. Eles são capazes de se sacrificar para dar a vida a seus filhos e de ficar sem comer para alimentá-los. Estão sempre prontos a defender seus filhotes, mesmo os mais fracos contra os mais fortes e, se necessário for, estão dispostos a morrer por eles. O homem procria por causa da necessidade de perpetuidade, ele o faz com consciência; já os animais, o fazem de modo instintivo.

Outra questão importante, abordada no entrave entre Diotima e Sócrates, diz respeito à beleza eterna. Será possível ao homem conquistar uma beleza que seja, de fato, eterna? Beleza que exista nela mesma e por ela mesma? Nesse sentido, o diálogo parece conduzir a um possível conhecimento do belo em si próprio. Ao que tudo indica, para se chegar a esse ideal é preciso rever alguns conceitos, retomar e “criar novos valores”. Só assim o homem poderá contemplar a beleza tal qual ela é, livre de tudo aquilo que possa querer inibi-la, camuflá-la ou, até mesmo, anulá-la.

O Amor que Diotima doutrina não é mortal, nem imortal; não é pobre, nem rico; não é Deus, muito menos homem; não é belo, nem bom. A condição do Amor é sempre intermediária. Como o desejo de felicidade, ele é universal e não é próprio apenas do homem. Seu verdadeiro objeto é a conservação e a reprodução da vida e não apenas de uma vida corpórea, mas também da vida intelectual.

Com isso, Sócrates termina sua fala fazendo uma grande exaltação à figura de Eros demonstrando sua admiração e louvor pela força e virtude deste ser superior que é, para ele, o sumo bem. Sócrates deixa claro para todos os presentes que este é o seu elogio e gratidão à figura de Eros e, dirigindo-se a Fedro, sugere aos que não ficaram satisfeitos com o seu discurso, que lhe confirmem o nome mais adequado.

Daí decorre que a condição do amor é o desejo do bem maior, isto é, da virtude. Este bem é algo que transcende a própria condição mortal do homem. É através de Eros que o indivíduo pode ir ao encontro do belo, visto que o amor propaga-se nos seus descendentes. Por esse motivo, o ser humano preocupa-se demasiadamente em ter frutos de sua união conjugal, pois seu desejo de imortalidade é visto quando sua carga genética passa para seus herdeiros, com isso, ele continuará vivo após sua morte e tal ciclo é infundável, pois, a

tendência é continuar repassando sua herança para outras gerações. Assim, tanto os homens quanto os animais, protegem suas crias mesmo sem forças, porque seus filhotes estão carregando o bem tão desejado e, finalmente, adquirido. Dessa forma, pode-se afirmar que o Eros é a síntese entre a vida e a morte, o indivíduo progenitor morrerá e seus descendentes continuarão existindo, carregando parte de seus ancestrais, que lhes foram concedidos pelo que há de mais sublime dos seres humanos: o Amor.

Carece-nos, finalmente, entender como se dá a relação do discurso Erixímaco frente ao que já foi exposto sobre a teoria platônica das Ideias, e, então, terminar o que foi anteriormente proposto.

Segundo a técnica-médica da personagem Erixímaco, já anteriormente defendida neste trabalho, a medicina está em tudo e em todos. Ela é o consentimento, a harmonia entre os elementos do corpo, sendo estes os belos e os vulgares. O melhor médico é aquele capaz de codificar nos fenômenos do corpo o Eros bom e o Eros mau. E o bom médico é aquele que faz com que esses elementos se transformem, de forma a que se adquira um em vez do outro, e que sabe tanto suscitar o Amor onde não há, mas deve haver como eliminar quando há. Logo há uma conciliação do diferente, uma síntese de contrários: o mau e feio pode tornar-se bom e belo através da medicina. Esses opostos são combináveis. É o Eros bom que promove o bem-estar e a harmonia, estando em todas as esferas do cosmo e das artes humanas.

A combinação dos diferentes tons de Eros é o segredo das artes, pois quem consegue chegar à combinação exata dos opostos se torna o melhor no que faz.

A medicina, em resumo, é o saber rigoroso dos corpos eróticos tanto para a repleção como para a evacuação, e quem distingue nos corpos o Eros belo e o Eros reprovável é o mais hábil dos médicos. Quem opera uma transformação a ponto de provocar a aquisição de um dos Érotes em lugar do outro, quem sabe suscitar Eros no lugar em que ele deveria estar, quem sabe extirpar o Eros que indevidamente se instalou é profissional competente. (PLATÃO, 2010, p.55, 186c-186d).

Ao tratar da teoria das ideias, o inteligível é princípio e causa. Convém então mostrar-lhes que a universalidade de Eros pretendida pela visão do porta-voz de Hipócrates no *Banquete*, Erixímaco, parece a Platão ainda insuficiente, pois na visão platônica, o discurso de Erixímaco – assim como a medicina hipocrática - concentra-se nos corpos. mesmo quando a medicina trata da alma e do equilíbrio alma e corpo. pois é como se, para Platão, não se estivesse atentando à hierarquia entre alma e corpo onde alma é princípio, e corpo é principiado, portanto aquela superior a este.

Logo, depois do que foi exposto, interessa-nos saber que, então, para Platão, a cura plena só é possível pela cura da alma. No caso do *Banquete*, pela ascese (a elevação) erótica

demonstrada na fala de Sócrates, que parte do belo no corpo em direção ao belo em si, inteligível. Para o grego, o corpo não se move por si mesmo, mas pela alma que o habita.

A partir do conceito de doença da alma que Platão formula ao perceber que o homem possui uma interioridade que também adoece, pode-se ver uma relação da sua cura com a ascensão erótica presente no discurso de Diotima, em que para o corpo se encontrar curado, erotizado, a alma deve ser a primeira a passar por esse processo de cura, onde ela é todo o alicerce da mobilidade dos corpos, sejam eles belos ou não.

5 CONCLUSÃO

Na leitura da obra filosófica platônica O Banquete, através da conjuntura dos discursos sobre Eros, exclusivamente no raciocínio técnico-médico filosófico de Erixímaco e no discurso de Sócrates, foi posta em jogo a relação entre Medicina e Filosofia na busca pela realização plena do homem, do seu corpo e daquilo que o anima. É sobre o método platônico da ascensão erótica que este trabalho se debruçou, procurando, então, se fazer entender como uma combinação de tons diferentes pode se tornar harmoniosa no que diz respeito ao corpo e à alma.

Por essa via de raciocínio mostrada nesta monografia, portanto, a medicina é considerada a ciência das eróticas dos corpos¹⁴, pois para um corpo chegar a sua perfeita forma e condição, ele precisa estar, sobretudo, em harmonia consigo mesmo e com o que lhe é exterior. E para se obter esta efetiva harmonia, é então preciso haver a ascensão erótica defendida por Diotima, mostrada no discurso de Sócrates no Banquete.

Se a medicina é então considerada a ciência das eróticas do corpo, posso, por fim, concluir que a filosofia é a ciência das eróticas da alma.

¹⁴ Apresentado no discurso de Erixímaco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PLATÃO. **Diálogos**: Fedro. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **O Banquete**. Tradução de Donald Shüler. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HIPÓCRATES. **Conhecer, cuidar, amar**: o Juramento e outros textos. Apresentada e anotada por Jean Salem. São Paulo: Landy, 2002.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes/Universidade Brasília, 1986.

MOREIRA, Eduarda Pianete. **A relação corpo-alma na Filosofia Platônica como forma de reaproximação entre a Medicina e Filosofia**. 2008. Monografia (requisito parcial à conclusão do Curso Técnico de Nível Médio de Laboratório de Biodiagnóstico em Saúde) Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro, 2008.

OMS. **Relatório sobre a saúde no mundo**: Saúde Mental: nova concepção, nova esperança. 2001. Disponível em <<http://www.ccs.saude.gov.br>> acesso em 20 de nov. de 2011

SANTORO, Fernando. **Arqueologia dos prazeres**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BIBLIOGRAFIA

- BASTOS, Liana Albernaz de Melo. **Corpo e subjetividade na medicina: impasses e paradoxos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- BENOIT, Hector. **Sócrates e o nascimento da razão negativa**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.
- CAIRUS, Henrique F. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto: os domínios do homem**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. Vol. II, 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHÂTELET, François. **Uma história da razão: entrevistas com Émile Noël**. Traduzido por Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Introdução à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, vol. 1 – 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- FRIAS, Ivan Miranda. **Doença do corpo, doença da alma: Medicina e Filosofia na Grécia Antiga**. Brasil: Loyola, 2004.
- HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia antiga?** 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- HIPÓCRATES. **Conhecer, cuidar, amar: o Juramento e outros textos**. Apresentada e anotada por Jean Salem. São Paulo: Landy, 2002.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes/Universidade Brasília, 1986.
- MOREIRA, Eduarda Pianete. **A relação corpo-alma na Filosofia Platônica como forma de reaproximação entre a Medicina e Filosofia**. 2008. Monografia (requisito parcial à conclusão do Curso Técnico de Nível Médio de Laboratório de Bodiagnóstico em Saúde) Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro, 2008.
- OMS. **Relatório sobre a saúde no mundo: Saúde Mental: nova concepção, nova esperança**. 2001. Disponível em <<http://www.ccs.saude.gov.br>> acesso em 20 de nov. de 2011
- PLATÃO. **Diálogos: Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- _____. **O Banquete**. Tradução de Donald Shüler. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- _____. **Diálogos: Fedro, Cartas, O Primeiro Alcibiades**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2007.
- _____. **Timeu – Crítias – O Segundo Alcibiades – Hípias Menor**. Tradução de Carlos

Alberto Nunes. 3. ed. rev. Belém: EDUFPA, 2001.

SANTORO, Fernando. **Arqueologia dos prazeres**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SIQUEIRA-BATISTA R. E SCHRAMM, F. R.: **Platão e a Medicina**. *Histórias, Ciências e Saúde-Manguinhos*. Vol. 11 (3): 619 – 34, set. -dez. 2004.